

# O MONOTEÍSMO (JUDAÍSMO, CRISTIANISMO, ISLAMISMO) RELIGIÕES INTOLERANTES?

Frei Félix Neefjes, ofm\*  
Reinaldo Luiz Calvo\*\*  
Daniel José Fernandes Rocha\*\*\*

**O** artigo é uma síntese da palestra apresentada pelos três autores no Ciclo de Palestras sobre o Cristianismo e Religiões, promovido pelo Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas. Sendo o cristianismo o tema central, a sua atitude em relação a outras religiões é apresentada numa forma mais ampla (Frei Félix Neefjes). Em seguida, são apresentadas as atitudes do judaísmo (Reinaldo Luiz Calvo) e do islamismo (Daniel José Fernandes Rocha) em relação a outras religiões.

## A ATITUDE DO CRISTIANISMO EM RELAÇÃO A OUTRAS RELIGIÕES

Na apresentação prevalece a atitude da Igreja Católica em relação a outras religiões, especialmente o judaísmo e o islamismo.

### O cristianismo inicial ou apostólico em relação ao judaísmo e a outras religiões à luz dos livros do Novo Testamento.

### O cristianismo apostólico e o judaísmo

Este item, como também o seguinte, apóia-se nos subsídios oferecidos por Pe. Johan Konings SJ, Professor de Exegese Bíblica no Instituto Santo Inácio (ISI), Belo Horizonte.

#### *Os Evangelhos*

Marcos fala apenas duas vezes em “judeus”, em relação aos costumes de pureza ritual (Mc 7,3) e à acusação de Jesus ser rei dos judeus (Mc 15, 2, 12, 18, 26). O Evangelho segundo Marcos não apresenta nenhum sinal de antijudaísmo; antes, manifesta simpatia pela população judaica. Critica os escribas, embora apresente também escribas bons (Mc 12, 28). Vê sob luz negativa os partidos dos fariseus e dos herodianos por causa de sua oposição mortal a Jesus. (Mc 3,6; 8,15; 12, 13)

Mateus escreve o Evangelho após a destruição do Templo de Jerusalém, quando escribas e rabinos de tendência farisaica tentam reorganizar o judaísmo. O Evangelho segundo Mateus manifesta um antijudaísmo, quando Jesus fala do fermento dos fariseus e dos saduceus (Mt 16, 6, 11 e 12). O

\* Da Ordem dos Frades Menores, Doutor em Filosofia pelo *Antoniano* em Roma. É assessor do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e membro da Comissão de Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas e da Comissão Internacional da Ordem dos Frades Menores para o Relacionamento com o Islã. Publicou *Uma caminhada ecumênica*, da série Documentos do CONIC, que ajudou a fundar, e colaborou em várias outras publicações da CNBB.

\*\* Arquiteto, ex-presidente da União Israelita de Belo Horizonte, membro do Instituto Histórico Israelita Mineiro.

\*\*\* Centro Islâmico de Minas Gerais.

Evangelho segundo Mateus acentua o valor da Lei de Moisés e do ensinamento dos Profetas. (Mt 5, 17-20)

Há em Mateus a tendência de atribuir a culpa pela morte de Jesus às autoridades judaicas, enquanto o governador romano faz várias tentativas de salvar Jesus da morte. (Mt 27, 11-26)

Mateus deixa claro que Jesus iniciou sua missão só para os judeus, mas depois da ressurreição Jesus dá aos onze a missão de tornar todos os povos discípulos seus. (Mt 8, 6 e 28, 18ss)

O Evangelho segundo Lucas valoriza a religião judaica como preparação para a missão de Jesus (Por exemplo Lc 2), mas insiste na universalidade dessa missão (Por exemplo Lc 4, 16-20). Nos Atos dos Apóstolos sempre se encontra o seguinte esquema: primeiro a missão dirigida para os judeus, depois para os pagãos (Por exemplo At 14). Atos atesta que os primeiros cristãos eram judeus e se consideravam como tais (At 1-7). Mais que Marcos, Lucas acentua a culpa das instâncias judaicas, diminuindo a culpa do governador romano pela morte de Jesus. (Lc 23, 22ss)

Entre os evangelistas, João leva a fama de anti-judaísmo. Frequentemente fala dos judeus num sentido negativo. No entanto, não se trata do povo judeu em geral, mas das autoridades religiosas que articulam a oposição a Jesus e combinam expulsar da sinagoga quem confessar que Jesus é o Messias. (Jo 9, 22)

Quando João fala, de modo elogioso, do judaísmo e de judeus, ele usa a palavra Israel e israelita: Natanael é um verdadeiro israelita; Jesus é chamado rei de Israel. (Jo 1, 47ss; 12, 13)

#### *As cartas de Apóstolos*

A carta de Tiago é o documento mais eloquente para ilustrar o judeu-cristianismo. Tirando a referência a Jesus (Tg 1, 1 e 2, 1), não dá para distinguir esse escrito de certos escritos judaicos da época.

Paulo ensina que não é necessário passar pelo judaísmo para tornar-se cristão,<sup>17</sup> mas a oposição à obrigação de judaizar não lhe tira o amor ao povo

judaico. (Rm 9-11)

A primeira carta de Pedro, dirigida a convertidos do paganismo, usa símbolos profundamente bíblicos (povo eleito, pedras vivas no Templo, etc.) (1Pd 2, 4-10), ou seja, o autor usa a cultura religiosa judaica para explicar aos pagãos seu lugar na economia da salvação.

Na segunda carta de Pedro, nas três cartas de João e na carta de Judas não há referência ao judaísmo.

#### *O Apocalipse carrega também a suspeita de anti-judaísmo*

Por duas vezes fala de “sinagoga de Satanás” (At 17, 27 e 10, 35). No entanto, lendo bem o livro, o mesmo afirma que os pretensos judeus não fazem parte do povo judeu. O livro do Apocalipse só é compreensível para quem é capaz de reconhecer o rico simbolismo da Bíblia judaica e o cumprimento das profecias nela proclamadas.

Pode-se concluir, portanto, que os livros do Novo Testamento não conhecem um anti-judaísmo. No entanto, apresentando o cristianismo como uma espécie de judaísmo superior (a Aliança definitiva), foi possível – como tem acontecido na história – manipular expressões do Novo Testamento contra o judaísmo primeiro.

#### *A atitude do próprio Jesus em relação ao judaísmo podemos resumir da seguinte maneira: Jesus era judeu em tudo*

A carta aos Gálatas, na qual Paulo reage mais violentamente contra os “judaizantes”, afirma: Jesus nasceu de uma mulher, nasceu sob a Lei de Moisés (Gl 4, 4). A descrição da vida pública de Jesus, sobretudo em Marcos, o apresenta como judeu que adere a um movimento de preparação para a vinda do Messias, liderado por João Batista (Mc 1, 2-9). Depois Jesus anuncia a vinda do Reino de Deus (Mc 1, 14s). Em nada sai do judaísmo. Critica os escribas por sua mesquinhez em relação ao sábado e às leis da pureza, mas é enquanto judeu que ele critica e propõe um judaísmo mais conforme à vontade de Deus. (Mc 2)

## O cristianismo apostólico e as religiões não-judaicas.

Geralmente, essas religiões aparecem de uma forma bastante negativa nos livros do NT; assim, por exemplo, a primeira carta de Pedro (1Pd 4, 3). No entanto, certas frases de Atos permitem concluir que Lucas considera as religiões pagãs, quando honestas, como preparação para o Evangelho. (At 17, 27 e 10, 35)

Quanto a pessoas individuais, o NT descreve de modo muito positivo algumas pessoas pagãs, como a mulher sir-fenícia (Mc 7, 24-30), o possesso de Gerasa (Mc 5, 1-20), o centurião de Cafarnaum (Mt 8, 5-13; Lc 7, 1-10) e o centurião ao pé da cruz (Mc 15, 39). Jesus realiza milagres de curas em benefício dos “estrangeiros”. (Mc 7, 24-30; Mt 15, 21-28)

## A atitude do cristianismo em relação a outras religiões através da história

### Os santos Padres dos primeiros séculos

O Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso com a Congregação para a Evangelização dos Povos publicou um documento sobre o Diálogo e o Anúncio. O documento afirma que a tradição pós-bíblica contém dados contrastantes. Nos escritos dos Padres encontram-se facilmente juízos negativos sobre o mundo religioso do seu tempo. Assim mesmo a antiga tradição manifesta uma notável abertura. Alguns autores do 2º século e do início do 3º século, como Justino, Irineu e Clemente de Alexandria falam – de modo explícito ou de maneira equivalente – dos “germes” lançados pela Palavra de Deus entre as Nações. Pode-se, portanto, afirmar que, para eles, antes e fora da economia cristã, Deus se manifestou, embora de modo incompleto. Essa manifestação do Logos é uma prefiguração da revelação plena em Jesus Cristo. (**Diálogo e anúncio**, 24)

## O cristianismo, religião reconhecida e oficial

Quando a Igreja se torna religião reconhecida e oficial no Império Romano do 4º século da era cristã, começam aos poucos a imposição do cristianismo e o combate a outras religiões. O sistema colonizador, em muitos países, aplica também a imposição da Igreja oficial. Sem dúvida, houve também grupos de missionários que seguiam outros caminhos.

Em relação ao judaísmo, a culpa pela morte de Jesus é atribuída ao povo judeu e não apenas a um grupo de dirigentes religiosos da época.

A história ficou marcada por uma visão totalmente negativa a respeito do Profeta Mohammad e da própria religião islâmica. A Igreja declara que as guerras contra os muçulmanos, chamadas cruzadas, são a manifestação da vontade de Deus.

Mas havia cristãos que não concordavam com essa atitude. Francisco de Assis, por exemplo, em 1219 foi com uns irmãos ao Egito e dizia para os cruzados que a guerra não era vontade de Deus. Foram até recebidos pelo Sultão Amaleque Al-Kamil, em Damiate, com quem tiveram um diálogo prolongado.<sup>1</sup>

Francisco indica dois modos de proceder para os irmãos que desejam ir no meio dos sarracenos. O primeiro consiste em abster-se de rixas e disputas, submeter-se a eles por causa do Senhor e confessar que são cristãos. O segundo consiste em anunciar a Palavra de Deus, quando o julgarem agradável ao Senhor.<sup>2</sup>

Pelo edito dos Reis católicos da Espanha (31/03/1492), os judeus e os muçulmanos foram expulsos da Espanha. Dom Manuel, Rei de Portugal, publicou um edito semelhante, expulsando os judeus (05/11/1496) e apenas permitindo a permanência daqueles que se convertessem à Igreja Católica. Muitos judeus converteram-se (os cristãos novos), mas a maioria da porta da casa para fora, continuando no lar a prática da religião judaica. Sem dúvida, essas decisões dos Reis inspiravam-se

<sup>1</sup> Cf., por exemplo, a primeira biografia de Tomás de Celano sobre Francisco, I Cel. 57; também a segunda biografia do mesmo autor, II Cel. 30.

<sup>2</sup> Regra Não-Bulada da Ordem dos Frades Menores (1221), cap. 16.

em razões religiosas e políticas.

Posteriormente, com a Inquisição, começou uma perseguição aos cristãos novos, suspeitos de praticar a religião judaica, também no Brasil. A História do Brasil apresenta, igualmente, muitas formas de intolerância religiosa em relação às religiões indígenas e africanas ou afro-brasileiras; não só da parte da Igreja Católica, mas também da parte de outras Igrejas Cristãs. Da mesma forma, existiu também e em muitos casos ainda existe – intolerância recíproca entre Igrejas Cristãs. Mas há na história mais recente muitos sinais de superação da intolerância e de busca de uma convivência ou de comunhão recíproca.

### A passagem de uma Igreja-monólogo para uma Igreja-diálogo

#### Observações gerais

Sob esse título escrevi uma parte da introdução ao guia para o Diálogo Inter-religioso, enquanto o Pastor Dr. André Droogers apresentou na mesma introdução a caminhada do monólogo ao diálogo na Igreja do Brasil.<sup>3</sup> A passagem do monólogo para o diálogo é extremamente importante, pois o diálogo exige escutar o outro, descobrir e reconhecer valores no outro. No caso, o diálogo religioso só é possível quando se reconhecem mutuamente valores na religião que o outro professa. À luz da fé, tais valores encontram sua fonte na ação divina, ou,

em termos cristãos, na ação do Espírito Divino.<sup>4</sup>

Com o Vaticano II, iniciou-se uma abertura providencial da Igreja Católica em relação a outras religiões. Essa mudança reflete-se em vários documentos conciliares.<sup>5</sup>

A encíclica programática do Papa Paulo VI concentra-se no diálogo, no seio da própria Igreja com outras Igrejas Cristãs, com adeptos de outras religiões e com pessoas que seguem sua consciência sem se relacionarem com um princípio transcendente.<sup>6</sup>

A mudança do monólogo para o diálogo verificase também em outras Igrejas Cristãs e também em outras religiões. Infelizmente, ainda há Igrejas e Comunidades Cristãs que rejeitam o diálogo não só com outras religiões, mas até com outras Igrejas e Comunidades Cristãs.

O Papa João Paulo II tem insistido na importância do diálogo inter-religioso em documentos escritos, em palestras e em outros pronunciamentos. Li-

mito-me a citar a Carta Apostólica sobre a preparação para o ano jubilar de 2000.<sup>7</sup>

O Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso publicou dois documentos muito importantes. Em 1984, o Conselho, então chamado Secretaria para os Não-Cristãos, publicou *A atitude da Igreja perante os seguidores de outras religiões. Reflexões e orientações sobre o diálogo e missão*. Em 1991 o Conselho, juntamente com a Congre-

**A passagem do monólogo  
para o diálogo é  
extremamente importante,  
pois o diálogo exige escutar  
o outro, descobrir e  
reconhecer valores no  
outro. No caso, o diálogo  
religioso só é possível  
quando se reconhecem  
mutuamente valores na  
religião que o  
outro professa.**

<sup>3</sup> *Guia para o diálogo inter-religioso* – Estudos da CNBB, 52.

<sup>4</sup> Cf. a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 22.

<sup>5</sup> Cf. a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, 16; a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 92; o Decreto *Ad Gentes*, 11; Declaração *Dignatatis Humanae*, 9; especialmente a Declaração *Nostri Aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs.

<sup>6</sup> *Ecclesiam Suam* (26/08/1964).

<sup>7</sup> *Tertio Millennio Adveniente* (10/11/1994).

gação para a Evangelização dos Povos, publicou *Diálogo e anúncio*.<sup>8</sup>

O documento afirma que tanto o diálogo quanto o anúncio fazem parte da missão da Igreja.<sup>9</sup> Por diálogo inter-religioso entende-se não só o colóquio, mas todo o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para o mútuo conhecimento e enriquecimento.<sup>10</sup> O documento, resumindo a exposição do documento anterior, *Diálogo e missão*, apresenta quatro formas de diálogo:

- o diálogo da vida ou da convivência: pessoas de diferentes religiões procuram viver, umas com as outras, em espírito de abertura e de boa vizinhança;

- o diálogo das obras ou dos serviços: colaboração em vista do desenvolvimento integral e da libertação da gente;

- o diálogo dos intercâmbios teológicos em vista do aprofundamento da compreensão das respectivas heranças religiosas e da apreciação recíproca dos valores espirituais;

- o diálogo da experiência religiosa, participação na vida espiritual da outra comunidade, em vista de compartilhar os valores espirituais.<sup>11</sup>

Como exemplo, cito: monges cristãos, vivendo por algum tempo num mosteiro budista.

### **Diálogos inter-religiosos de especial importância**

O judaísmo ocupa para os cristãos e para a Igreja um lugar único, por causa dos seus valores recebidos pela Revelação divina e adquiridos pela his-

tória de tantos séculos e tantas vezes tão dolorosa. Mais ainda, o judaísmo tem para nós, cristãos, um lugar único por sermos de origem judaica: Jesus e os Apóstolos são judeus; os membros das primeiras comunidades da Igreja são judeus-cristãos. Na caminhada para a plena comunhão desejada pelo Senhor Jesus, nós, cristãos, passamos necessariamente pelo judaísmo, nossa origem.

Por essa razão o diálogo com o judaísmo não faz parte do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, mas constitui uma comissão especial dentro do Pontifício Conselho de Promoção da Unidade dos Cristãos: a Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo. No Conselho Mundial de Igrejas Cristãs há uma organização semelhante.

Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) existe, desde 1981, uma Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico. Em muitas cidades do Brasil existe um Conselho de Fraternidade

Cristão-Judaica.

O diálogo inter-religioso com o Islã é outro diálogo de especial importância: também para os muçulmanos Abraão é o Pai na fé: judaísmo, cristianismo e islamismo são três religiões abrahâmicas. Na Carta Apostólica sobre a preparação para o ano 2000 o Papa João Paulo II formula votos de que seja possível nesse ano jubilar realizar encontros de judeus, cristãos e muçulmanos na Terra Santa para as três religiões.<sup>12</sup> Espera-se criar em breve uma comissão nacional, ligada à CNBB, para o diálogo

**Com o Vaticano II  
iniciou-se uma abertura  
providencial da Igreja  
Católica em relação a outras  
religiões... A mudança do  
monólogo para o diálogo  
verifica-se também em  
outras Igrejas Cristãs e em  
outras religiões.  
Infelizmente, ainda há  
Igrejas Cristãs que  
rejeitam o diálogo.**

<sup>8</sup> *Diálogo e anúncio* (19/09/1991).

<sup>9</sup> Cf. *Diálogo Inter-religioso*, item B. O lugar do diálogo inter-religioso na missão evangelizadora da Igreja, n. 33-41.

<sup>10</sup> *Diálogo e anúncio*, 9; citação do documento anterior: *Diálogo e missão*, 3.

<sup>11</sup> *Diálogo e anúncio*, 42; citação de *Diálogo e missão*, 30 a 35.

<sup>12</sup> *Tertio Millenio Adviniente*, 53.

com muçulmanos. Em algumas cidades do Brasil existe um relacionamento inter-religioso entre católicos e muçulmanos.

Para os cristãos no Brasil, outros diálogos inter-religiosos preferenciais são ou devem ser o diálogo com religiões indígenas e com religiões afro ou negro-brasileiras.

No documento da CNBB *Rumo ao novo milênio – Projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000*, o diálogo com outras Igrejas, com outras religiões e com as culturas é uma das dimensões fundamentais, ao lado do testemunho, do serviço e do anúncio.<sup>13</sup>

Concluindo, podemos afirmar que o cristianismo vai superando a intolerância ainda existente nele, na medida em que o diálogo, em sua riqueza de quatro formas já citadas, vai marcando a sua essência e a sua ação.

## A ATITUDE DO JUDAÍSMO EM RELAÇÃO A OUTRAS RELIGIÕES

O judaísmo, como as religiões monoteístas em geral, não é na sua essência intolerante, embora muitas vezes alguns de seus seguidores o sejam. O conceito de monoteísmo não exclui o entendimento que individualmente ou em grupos cada um possa fazer Dele. Para muitos, o simples apego ao formalismo das práticas litúrgicas – que, é bom lembrar, traduzem parte de princípios morais e éticos – já o coloca na condição de pio e sem mácula. A leitura da bíblia judaica<sup>14</sup> apresenta momentos de intolerância que, em seqüência evolutiva, passam à mais completa tolerância. O judaísmo se obriga ao alto preço da sublimação, pois ele não se apóia em elementos “quase” palpáveis ou reais, mas em “fi-

guras-mito” diluídas em um imaginário místico e temeroso daquilo que não viu mas que está de forma permanente em sua presença. O judaísmo que surgiu antes da Torá escrita<sup>15</sup> não admitia conviver com sociedades pagãs e idólatras, justificando, quem sabe longinquamente, certa intolerância, advinda mais do receio da cômoda submissão aos seus ritos que do desprezo. Dessa forma, embora possam os judeus ornamentar seus templos, as eventuais figuras têm uma função decorativa, sendo-lhes absolutamente vedada outra ilação, identificando-as com figuras de seus ritos, em clara alusão ao risco da idolatria tão humilhante como a do Bezerro de Ouro. A dialética é inerente ao judeu – todas as comunidades têm normalmente no mínimo duas sinagogas – e é comum ver-se nas *Yeshivot*<sup>16</sup> grupos de alunos em acaloradas discussões dos textos em estudo, cada qual com sua verdade absoluta. A interpretação final cabe ao “Rabi”<sup>17</sup> que, na sua condição professoral, cita com sabedoria outros antigos e renomados mestres. A impossibilidade de interpretação una dos textos sacros – existente também em outras religiões, salvo nos fundamentalistas<sup>18</sup> não é intolerante, pois Deus é único e mesmo aqueles que se acham mais próximos Dele não se atrevem a defender totalmente sua exclusividade que, na visão escatológica, transcenderá todas as fronteiras e de todos receberá submissão.

O “diferente” não judeu pode por ele ser considerado o estrangeiro que está sempre em respeito destaque. “O estrangeiro é aquele que vem de outra realidade diferente da nossa. Ele vem de outra cultura, de outra religião, de outra raça ou possui simplesmente outra aparência física. O estrangeiro pode ser qualquer um que seja diferente de nós”.<sup>19</sup> Deus puniu Aarão e Miriam por criticarem Moisés, que tomou como mulher uma estrangeira

<sup>13</sup> *Rumo ao Novo Milênio*, Documento da CNBB, 56, p. 46-52.

<sup>14</sup> Pentateuco, Profetas e Escritos totalizando 24 livros.

<sup>15</sup> Pentateuco ou Torá, os cinco livros de Moisés.

<sup>16</sup> Ieshivá: Escola para formação de rabinos.

<sup>17</sup> Rabi: Professor, especialista da lei judaica.

<sup>18</sup> Ortodoxos, conservadores, liberais e reformistas formam os quatro principais grupos dentro do judaísmo. Os ortodoxos, que também se dividem em outros, guardam distância total das crenças monoteístas.

<sup>19</sup> Rabino reformista da comunidade de Belo Horizonte – artigo para revista *N'aamat*, 1995.

de raça e cor diferente dos seus. A Torá destaca: “Se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um cidadão, e tu o amarás como a ti mesmo, pois foste estrangeiro na Terra do Egito. Eu sou o eterno vosso Deus”.<sup>20</sup> Salomão abriu as portas do templo para outros que não pertenciam a seu povo de Israel, desde que observassem as sete leis ocultas de Noé.<sup>21</sup> O permanente receio no judaísmo é o idólatra com o qual a lei “talmúdica”<sup>22</sup> proíbe qualquer relação. Mas ainda assim ele é nosso semelhante, pois Adão foi criado só para ensinar-nos que a destruição de uma única vida é considerada destruição de todo o mundo e a salvação desta mesma única vida mantém vivo todo o mundo. “O mundo foi criado por meu desejo (Deus), em Minha honra, por Mim e para Nós todos, para toda a humanidade. O mundo foi criado para cada simples e única pessoa, por mais que uma se diferencie da outra, cada uma com seu caráter, suas opiniões, suas crenças, suas tendências, sua fisionomia e hereditariedade”.<sup>23</sup> As passagens de tolerância, em número muito maior que as contrárias, estão sempre presentes nos textos e interpretações, pela certeza de que Deus sendo uno, a redenção será para toda a humanidade e ninguém pode dizer que é maior ou que o seu sangue é mais vermelho. Deus criou Adão e Eva e nós somos “eles” e “Tu amarás (ao diferente) como a ti mesmo”, ou

**A Torá destaca: “Se um estrangeiro habita convosco na vossa terra, não o molestareis. O estrangeiro que habita convosco será para vós como um cidadão, e tu o amarás como a ti mesmo, pois foste estrangeiro na terra do Egito. Eu sou o eterno vosso Deus”.**

seja, esteja solidário com ele pois ele tem necessidades e sentimentos muito próximos aos teus. Por que os judeus e em especial os reformistas são pelo diálogo e contra a intolerância? Porque “tudo está nas mãos de Deus, exceto o temor a Deus”; nossas diferenças, nosso tipo físico, riqueza ou pobreza, inteligência ou não, preto ou branco, tudo está em suas mãos mas, se somos *bons* ou *maus*, é *nossa* responsabilidade. Deu-nos Ele o livre arbítrio de

como a Ele temer, pois tudo nos é dado, à exceção da liberdade, que nos é concedida. Por que os judeus são o povo eleito? Pode-se negar a outros *status* semelhante? Dizemos firmemente *não*, pois o surgimento gradual de outras religiões monoteístas, pregando elevada moralidade e ética retirou-os da condição primitiva – da idolatria dos pagãos – tornando-os parceiros da palavra de Deus. Deus ofereceu sua Torá a todas as nações. Por uma outra razão elas a recusaram, exceção aos Is-

raelitas, que prometeram obedecê-la antes mesmo de conhecê-la. “Nós faremos e nós ouviremos”. Aos judeus provavelmente caberia preparar o mundo inteiro para adorar Deus de uma única maneira. A transferência da fé não é genética e nunca o foi nos templos bíblicos. Ela é cultural e, embora aceitando sermos “seu povo, os filhos de Sua Aliança”, negamo-nos por nossa grande maioria à exclusividade e à verdade única. “BH”.<sup>24</sup>

<sup>20</sup> Lv 19, 33-34

<sup>21</sup> Proibição contra idolatria, blasfêmia, incesto, assassinato, roubo e alimentar-se de membros de animais vivos (caça).

<sup>22</sup> Talmud: literatura que amplia a Mishiná (o mais antigo compêndio da Torá oral).

<sup>23</sup> Haim Cohn: Ex-juiz da Suprema Corte de Israel, *Human Rights in the Bible and Talmud*.

<sup>24</sup> “BH”: *Baruch Haschem*, Louvado Seja.

## A ATITUDE DO ISLAMISMO EM RELAÇÃO A OUTRAS RELIGIÕES

*Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso.  
Louvado seja Deus, e que a Sua paz e graça estejam  
com o Mensageiro de Deus, com seus familiares, seus  
companheiros e seus adeptos.*

O Islam é a religião da submissão, da entrega e da obediência voluntária a Deus. Não tem qualquer associação com pessoas ou com um povo específico. É uma religião universal, com cerca de um bilhão e trezentos milhões de adeptos congregados numa grande comunidade – UMMAH – que transcende línguas, etnias e classes sociais. Fundamenta-se num monoteísmo puro e se substancia na sua máxima que diz: Não há divindade senão Deus e Mohammad (SAWS) é o mensageiro de Deus. Mohammad (SAWS), um homem temente e piedoso, foi tão somente um Profeta que, através do Anjo Gabriel, levou a mensagem de Deus para a humanidade. E esta mensagem é o Alcorão Sagrado.

A convocação do Islam, de acordo com o Alcorão, baseia-se na sabedoria, na bela exortação e na discussão da melhor forma possível. Diz Deus, Louvado seja, no Alcorão Sagrado:

*Convoca os humanos à senda de Seu Senhor com sabedoria e com bela exortação; discute com eles da melhor forma, porque teu Senhor é O mais conhecedor de quem se desvia de Sua senda, assim como é O mais conhecedor dos encaminhados.*

Um dos princípios básicos do Islam é a liberda-

de religiosa. Na Surata 2 – vers. 256, Deus diz: “Não há imposição quanto à religião”. Na ordem social islâmica, todos os indivíduos e comunidades religiosas – cristãos, judeus, hindus, budistas etc. – são livres para seguir a religião de sua escolha. Diz Deus, Louvado Seja, no Alcorão Sagrado: “Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo”. Na Surata 29, vers. 46, Deus diz:

**Na Surata 2, v. 256, Deus diz:  
“Não há imposição quanto à religião”. Na ordem social islâmica, todos os indivíduos e comunidades religiosas – cristãos, judeus, hindus, budistas, etc. – são livres para seguir a religião de sua escolha. Diz Deus – Louvado seja! – no Alcorão Sagrado: “Não há imposição quanto à religião, porque já se destacou a verdade do erro”.**

*E não discuteis com os adeptos do livro (cristãos e judeus), senão da melhor forma; exceto com os ímpios dentre eles. Dizei-lhes: cremos no que nos foi revelado, assim como no que foi revelado antes; nosso Deus e o vosso é Único e a Ele nos submetemos.*

O muçulmano aceita todos os profetas anteriores a Mohammad (SAWS), o selo dos Profetas. Nenhum é mais privilegiado que o outro. No Alcorão está escrito: “Dizei: cremos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a

Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos Profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e nos submetemos a Ele”. O Alcorão cita longas passagens acerca de Adão, Noé, Hud, Saleh, Idris, Abraão, Lot, Isaac, Ismael, Jonas, Jacó, Salomão, Zakarias, David, Aarão, Ezequiel, José, Moisés, Jesus. Na realidade, não são judeus nem cristãos, mas muçulmanos, pois sua missão era levar a palavra de Deus, e a Deus eram submissos.

As pessoas que começaram a negociar com os nomes dos profetas romperam a longa cadeia da

profecia, que vai de Adão a Mohammad (SAWS), o selo dos Profetas, mas chegará o dia em que os raios da verdade e da Unicidade prevalecerão. Deus diz no Alcorão Sagrado:

*Ó gentes das escrituras (judeus e cristãos), vinde a termos comuns entre nós e vós, nomeadamente: que não adoremos senão a Deus, não associemos nada com Ele e nenhum de nós tome outros como senhores além de Deus. Se eles te voltarem as costas, diz: Sede testemunhas de que nós, muçulmanos, somos submissos.*

Na relação do muçulmano com o não-muçulmano, diz Deus, o Altíssimo:

*Deus nada vos proíbe quanto àqueles que não vos combateram pela causa da religião e não vos expulsaram de vossos lares, nem que lidais com eles com gentileza e equidade, porque Deus aprecia os equitativos. Deus vos proíbe tão somente privar com aqueles que vos combateram na religião, expulsaram-vos de vossos lares ou que cooperaram em vossa expulsão. Em verdade, aqueles que privarem com eles são iníquos. (Surata 60 – vers. 8 a 9)*

Segundo o Profeta Mohammad (SAWS), “o homem mais odioso aos olhos de Deus é o que procura a disputa e vive constantemente em litígio”. Disse mais: “As pessoas destinadas ao Paraíso são três: o rei justo, praticante do bem a seu povo virtuoso; o afeiçoado, de um coração terno para os parentes e estranhos; e o temente a Deus”. Foi dito ao Profeta (SAWS): “Ó Apóstolo de Deus, amaldiçoa os infiéis”. Ele respondeu:

*Não fui enviado para isso. Fui enviado com misericórdia para a humanidade. Meu Senhor ordenou-me nove coisas: reverenciá-Lo, paladina e intimamente; falar a verdade, e com propriedade, mesmo que seja contra você; ser moderado na riqueza e na pobreza; beneficiar meus pais e parentes, mesmo que não me*

*beneficiam; fazer caridade àquele que me recusar; perdoar a quem me injuriar; que meu silêncio deveria ser para alcançar o conhecimento de Deus; que quando eu falar, deveria mencioná-Lo; que quando considerasse as criaturas de Deus, deveria eu ser exemplo para elas; e Deus ordenou-me a guiar-me naquilo que é lícito.*

Para Mohammad (SAWS), Profeta do Islam, tendo como guia o Alcorão Sagrado, o Islam é a

abstinência e obediência a Deus e o ato mais virtuoso da fé é a disposição amável. A mais excelente renúncia é o abandono daquilo que Deus desaprova. A caridade é um dever de todo muçulmano e aquele que nada possui para praticá-la, que pratique o bem ou se abstenha de praticar o mal. Fazer justiça entre duas pessoas é caridade; ajudar uma pessoa a descarregar sua bagagem é caridade; palavras puras e de conforto são caridade; responder a uma pergunta

com amabilidade é caridade; vossa exortação aos humanos quanto às obras virtuosas é caridade; vossa proibição ao ilícito é caridade.

Diz o Profeta de Deus:

*Valente não é o que bate no mais fraco mas o que contém a sua ira e não é de nós aquele que convoca os outros para auxiliá-lo na opressão. Não é de nós aquele que não é afeiçoado a seus filhos e pais e não respeita os sentidos de sua idade. Nenhum homem crerá perfeitamente até que deseje a seu irmão o que deseja a si próprio e não é perfeito muçulmano aquele que come até se saciar e deixa seus vizinhos famintos.*

Citei esses pensamentos do Profeta Mohammad (SAWS) porque toda a estrutura religiosa, moral, social, política e econômica da sociedade muçulmana baseia-se, primeiro, no Sagrado Alcorão, e concomitantemente na Tradição (ditos e feitos) do nosso querido Profeta. O Profeta de Deus exerce

uma influência poderosa sobre os corações e hábitos de seus seguidores.

Terminando esta pequena resenha, concluímos que o Islam é uma religião universal, não sectária, não racial e não doutrinária, pois vive em função de

toda a humanidade. Allahu Akbar (Deus é o Maior).

*Assalamu Alaykum wa rahmatullah wa barakatuhu.* (Que a Paz e a Benção de Deus estejam com todos vocês)

## GLOSSÁRIO

*Allah* – Deus

*Allahu Akbar* – Deus é o Maior

*Islam* – resignação e submissão, pelo livre arbítrio, à vontade de Deus.

*La ilaha ill'Allah* – não há divindade senão Deus.

*Mohammad rassulullah* – Mohammad é o Mensageiro de Deus.

*Muslim* – muçulmano, que segue a vontade de Deus.

*Al qur'an* – Alcorão, recitação ou leitura da mensagem (*Din*) de Deus.

*Ummah* – comunidade universal muçulmana.

*Bismillahi rahmani rahim* – Em nome de Deus, o clemente, o Misericordioso.

*SAWS* – *Sallallahu 'alaihi wa Sallan* – toda vez que falamos o nome de Mohammad e de todos os outros Profetas dizemos: Que a Paz e a Benção esteja com ele.

Exemplos: Mohammad (SAWS)

Issa (Jesus, o Messias) (SAWS)

Ibrahim – Abraão (SAWS)

Adan – Adão (SAWS)

Alcorão em português

Alcorão Sagrado – AL QUR-AN AL KARIN – a tradução em português, feita por Samir El Hayak, com notas, recebeu autorização da parte do Ministério dos Bens Religiosos da Arábia Saudita; Editora Jornalística Marsam, São Paulo, agosto de 1994.

## Referências bibliográficas

- 01 BÍBLIA. NT. São Paulo: Paulinas, 1995. (Tradução ecumênica)
- 02 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Guia para o diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Série Estudos da CNBB, n. 52)
- 03 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Primeira vida de São Francisco Tomás de Celano*.
- 04 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Regra não-bulada da Ordem dos Frades Menores*.
- 05 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Rumo ao novo milênio; projeto de evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande jubileu do ano 2000*. São Paulo: Paulinas, 1996. (Série Documentos da CNBB, n. 56)
- 06 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *São Francisco de Assis; escritos e biografias, crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- 07 CONSTITUIÇÃO dogmática *lumen gentium* sobre a Igreja. In: CONCÍLIO Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 08 CONSTITUIÇÃO *gaudium et spes* sobre a Igreja no Mundo de Hoje. In: CONCÍLIO Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 09 DECLARAÇÃO *dignitatis humanae* sobre a liberdade religiosa. In: CONCÍLIO Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 10 DECLARAÇÃO *nostra aetate* sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. In: CONCÍLIO Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 11 DECRETO *ad gentes* sobre a atividade missionária da Igreja. In: CONCÍLIO Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1966.
- 12 JOÃO PAULO II, Papa. *Carta apostólica; tertio millenio adveniente*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1994.
- 13 PAULO VI, Papa. *Encíclica ecclesiam suam*. Petrópolis: Vozes, 1964.
- 14 PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. Petrópolis: Vozes, 1991. (Série Documentos Pontifícios, 242)